

A IMPORTÂNCIA DOS VÍNCULOS AFETIVOS E DA INTERAÇÃO FAMILIAR PARA A FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM ESCOLAR DAS CRIANÇAS

THE IMPORTANCE OF AFFECTIVE BONDS AND FAMILY INTERACTION IN CHILDREN SCHOOL EDUCATION

*Luara Pinheiro Esteves**, *Silvanne Ribeiro***

Autora para correspondência: Silvanne Ribeiro - silvanneribeiro@gmail.com

*Psicóloga, com especialização em andamento em Gestalt-Terapia no Instituto Gestalt Terapia da Bahia

**Doutora em Psicologia Evolutiva e da Educação pela Universidad de Barcelona. Docente na Escola Bahiana de Medicina e Saúde pública e no Centro Universitário Estácio de Sá

R E S U M O

Uma série de autores defende que a aprendizagem está presente na vida dos seres humanos desde o seu nascimento. Entretanto, na atualidade, observa-se diversas crises de valores e de estruturação de vínculos afetivos, o que dá lugar a visões fragmentárias de desenvolvimento, fato que repercute na aprendizagem e na formação das crianças gerando dissensos acentuados no discurso de contextos educativos essenciais como a escola e a família. A faceta cognitiva ainda é prioritariamente valorizada, apesar de ser amplamente difundido na literatura que o desenvolvimento humano ocorre em suas múltiplas dimensões. O objetivo principal desse trabalho foi compreender a importância dos vínculos e da interação familiar para as crianças em processo de aprendizagem escolar. Para tanto, se utilizou a revisão bibliográfica sistemática, que consiste em critérios estabelecidos para seleção de artigos, buscando a reorganização de alguns conceitos e contribuição da literatura ao tema aqui proposto. Os resultados apontam que há uma estreita relação entre formação de vínculos, interação familiar e êxito na aprendizagem da criança. Conclui-se que os vínculos afetivos possuem relação direta com o sucesso na aprendizagem escolar e que o diálogo entre ambos contextos, família e escola, torna-se essencial à formação de crianças seguras e saudáveis, contribuindo ao combate à infância hipermedicalizada, sem afeto e sem voz.

Palavras-chave: Vínculos. Interação Familiar. Escola. Aprendizagem. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

A number of authors states that learning is present in the lives of human beings from birth. However, in actuality, there are various ongoing crises of values and regarding the formation of affective bonds, which give rise to fragmentary visions of the child's development, a fact that have been affecting the learning and training of children and generating dissents in essential educational contexts such as school and family. The cognitive aspect is still primarily valued, in spite of the widespread literature showing that human development occurs in multiple facets. The main objective of this study was to understand the importance of relationships and family interaction to children in the school learning process. Therefore, we used systematic literature review which consists of criteria for selection of article, seeking of some concepts and contribution of literature to the theme. The results show that there is a close relation among bonding, family interaction and success in children's learning. It is concluded that the affective bonds are directly related to success in learning and a conversation between the individuals implicated in both contexts, from the family and school environments, is essential to the upbringing of confident healthy children, contributing to the struggle against a medicalized childhood lacking affection and voice.

Keywords: Affective, Family interaction. School. Learning. Child development.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem está presente na vida dos seres humanos desde o seu nascimento, como tão bem demonstrou teóricos interacionistas do desenvolvimento humano, tais como Lev Vygotsky e Henri Wallon. Inserido no contexto familiar, esse novo indivíduo interage ativamente com o seu meio, sendo modificado e também modificando-o em um processo contínuo de aprendizagem. Dessa forma, acredita-se que é no núcleo familiar onde serão identificados e potencializados os primeiros passos de desenvolvimento da criança, supondo assim, que qualquer demanda apresentada pela criança deverá também ser acolhida por essa família.

Mahoney¹ defendem a importância de conhecer os estágios de desenvolvimento descritos por Wallon, relacionando-os com a afetividade, destacando a importância de tal conhecimento para a promoção do desenvolvimento infantil. Entretanto, na prática, nem sempre isso ocorre. Os vínculos afetivos tomam um discreto segundo plano quando o assunto é aprendizagem, onde ainda prioriza-se a faceta cognitiva da criança desvinculada de seu desenvolvimento integral. A negligência à infância e ao conhecimento das especificidades da mesma ainda se destaca de forma notória. Por isso, a responsabilidade dos pais para com os filhos, apresenta-se como um elemento que terá implicação direta no processo de aprendizagem da criança. Pais responsivos são os que conseguem ter um olhar adequado e sensível para com os sinais que os filhos apresentam, reagindo prontamente de acordo as demandas apresentadas por eles².

Para a abordagem interacionista, linha que se inscreve o presente trabalho, tanto componentes individuais e genéticos, como o ambiente e a cultura, os quais o indivíduo está inserido, são responsáveis pela constituição da inteligência humana. Vygotsky³ postula que o desenvolvimento do ser humano dependerá do seu lugar na sociedade, onde esse ser é produto e também produtor do seu aprendizado, que por sua vez é a mola propulsora do seu desenvolvimento. Pensando nessa relação apontada por Vygotsky, a interação e vínculos estabelecidos, primordialmente na família, como contexto singular de desenvolvimento, são essenciais.

Sabe-se que a família convencional deriva do modelo greco-romano instituído na Antiguidade, e é considerada uma instituição onde os seus membros possuem normas e limites próprios para a sua sobrevivência⁴. É dentro desse contexto familiar que a criança passa pelos seus primeiros processos de ensinamentos e aprendizagens, sendo, na maioria das vezes, estabelecidos os primeiros vínculos afetivos nesse entorno⁵.

Na contemporaneidade não existe apenas um conceito de família definido, posto que tal conceito está em transformação⁶. Porém, podemos afirmar que independente do modelo familiar, continua sendo de extrema importância a vinculação e interação da família com a criança, pois a família é a fonte de referências infantil.

Por outro lado, atualmente, observa-se um grande impasse entre o real papel de instituições familiares e escolares na formação dos indivíduos. A queixa escolar é de que a família delega toda a responsabilidade pela formação da criança à escola, incluindo princípios básicos de valores éticos e de cidadania. Por sua vez, as famílias alegam que as escolas não estão formando indivíduos “educados” e “inteligentes”, como se o processo de aprendizagem fosse fragmentado e de responsabilidade única, ou do meio, ou do indivíduo⁷. Por isso, o presente trabalho busca também discutir a relação e interação escola-família, tratando de elucidar algumas questões ao compreender a importância desse diálogo, visando a existência/ocorrência de um aprendizado infantil não fragmentado e doentio, mas sim global e inclusive. O objetivo principal deste estudo é destacar a relevância dos vínculos entre membros familiares e crianças, além de evidenciar a importância da interação entre os contextos educativos família e escola para a aprendizagem infantil.

Para alcançar o objetivo proposto realizou-se uma revisão de literatura, que é definida por Gil⁸ como uma investigação prévia de determinado campo de estudo feita a partir de materiais publicados anteriormente, para a obtenção do estado atual dos conhecimentos relacionados ao tema. Tal revisão foi sistemática uma vez que foram estabelecidos e levados a cabo critérios de seleção de artigos. Tais artigos foram selecionados em língua portuguesa e publicados nas bases de dados SCIELO e LILACS. Os

descritores utilizados para a busca foram: “vínculo e interação familiar”, “desenvolvimento infantil”, “aprendizagem” e “escola”.

Como referência de abordagem teórica, e logo como critério de inclusão, foi realizada uma retomada da bibliografia clássica representada principalmente por autores como Lev Vygotsky e Henri Wallon, afim de destacar as inegáveis contribuições que tais teóricos trouxeram para o campo do desenvolvimento infantil e escolar. Ademais, outro critério de inclusão foi o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) sancionado pela lei 8069/90, visto que abarca uma grande quantidade de conceitos sobre família e educação, associado a atual lei federal que evidencia os direitos da criança e do adolescente.

Os procedimentos metodológicos foram organizados em duas etapas, a saber: a) na primeira etapa, foi realizado um levantamento dos artigos encontrados nas bases de dados através dos descritores citados anteriormente; b) na segunda etapa, foi realizado uma leitura para seleção dos artigos e após triagem do material, foi criado um banco de dados onde foram armazenados os artigos que seriam utilizados. Outro critério para seleção dos artigos foi a eleição de pesquisas publicadas nos últimos 10 anos, ou seja dentro do período de 2005 até 2015. Cabe destacar que no ano de 2005 foi lançado o documento “Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária” que aqui foi incluído devido a tal documento ser considerado um marco na temática de contexto familiar e evidenciar de forma contundente a importância da manutenção dos vínculos familiares saudáveis para o desenvolvimento humano.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A família é caracterizada como primeiro grupo de inserção de um indivíduo. Nela em geral, encontra-se o espaço para socializar e de buscar objetivos comuns para a sobrevivência. Além disso, pode-se atribuir a essa estrutura social o primeiro local onde dispõem-se a possibilidade de aplicação de exercícios de cidadania e de desenvolvimento

pessoal e grupal. Dessa forma, no ambiente familiar há a compreensão do desenvolvimento humano, processo que é altamente mutável e influenciado tanto por fatores externos como internos do ser em questão⁹.

Observa-se que em diferentes sociedades, há uma diversidade de configurações familiares como consta no Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária¹⁰. Segundo esse documento, a família é um organismo em frequente transformação, que interage intimamente com o contexto e época a qual está situada.

Contudo, o modelo familiar nuclear composto por pai, mãe e filhos biológicos está em declínio na atualidade, não só pela diversidade de modelos familiares presentes, mas também pela própria compreensão da realidade familiar ter mudado em função de muitos aspectos (temporal, surgimento de novas configurações, mudanças políticas, econômicas, sociais, entre outros fatores). Atualmente, a família é pensada como um organismo, onde as pessoas entendem e respeitam a mesma não só pelo parentesco ou consanguinidade¹¹.

Hoje, apesar de diferenças políticas, religiosas e ideológicas nas comunidades, uma importante parte da literatura e da sociedade entende a família como todo e qualquer tipo de relação proximal estabelecida nos primeiros vínculos que a pessoa fará ao longo da vida. Segundo Martins apud Bronfenbrenner e Morris¹², as crianças ao começarem a estabelecer qualquer tipo de vínculo com as pessoas, já são capazes de influenciar nos ambientes, vão sendo também influenciadas com a interação e a cada nova atividade, e assim se apresenta o começo do processo das relações familiares.

Desde o ponto de vista legal no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aprovado pela Lei 8069 em 1990, rege e defende todos os direitos infantis e juvenis. Entre esses direitos, é demarcado a rede de proteção que as crianças e adolescentes necessitam. O ECA já se apresenta como um Estatuto que tem o compromisso que se iniciará nas redes de apoio das crianças e adolescentes, no seio da família e pontua ser de dever da sociedade dar essa continuidade.

Destacando-se ainda que essa família, seja natural ou adotiva, apresenta-se com os mesmos deveres. Nesse âmbito o conceito de família passa a ser retomado, para ressaltar que independente da origem da família, vão existir os vínculos tanto legais quanto emocionais. Diante disso, o tipo de modelo familiar torna-se irrelevante, e o conceito de família passa a ter a necessidade de ser mais amplo, evitando o reducionismo e preconceito.

Por outro lado, também não podemos afirmar que há um conceito singular de infância. Hoje em dia é necessário que se fale para uma multiplicidade de infâncias, cada uma ligada a seu contexto e cultura, porém nem sempre foi assim.

Nas novas configurações de infância, alguns estudos apontam a diferença da criança de hoje em idade escolar e seu tempo de interação com a sua família com a criança de 20 anos atrás, ressaltando que hoje em dia as mesmas passam mais tempo em atividades escolares do que em casa com a sua família¹³. Por outro lado, podemos ver outra realidade, crianças que vivenciam o trabalho infantil e não vivem a infância, e sim uma vida carregada só de obrigações. No Brasil ainda há números alarmantes de crianças em condições deploráveis de desenvolvimento¹⁴.

Em ambos extremos de condições da infância, destaca-se a importância que o ambiente familiar tem para essas crianças e principalmente nessa etapa, onde podemos entender que é necessário valorizar as especificidades da mesma: brincar, conviver, interagir, frequentar uma escola, expressar-se, entre outros pontos. As atividades complementares podem ser também fonte de conhecimento, contudo, os próprios infantes tendem a obter mais interesse pelas atividades se elas tiverem uma relação de apoio familiar. Szymanski¹⁵ aponta que crianças educadas com princípios éticos e de respeito ao próximo tendem a apresentar uma conduta mais reflexiva e conciliadora no ambiente escolar.

Ao pensarmos nas crianças dentro das relações familiares, sabemos ser de extrema importância para elas as interações, os vínculos afetivos, os cuidados e os estímulos. Esses vínculos promovidos pela própria família, devem ser constantemente fortalecidos. A qualidade desse processo é que vai

garantir as futuras habilidades sociais e cognitivas, e também possibilitar o interesse do infante por novos conhecimentos. Cabendo refletir que, a própria família, dependendo do modo que se coloque para essa criança, pode oferecer riscos ao seu desenvolvimento¹⁶.

A instituição escolar por sua vez, deve trabalhar para abranger essa diversidade de famílias, de crianças e de “infâncias” considerando o indivíduo como um ser único, individual, mas também complexo e cultural por natureza conforme sinalizava Wallon¹⁷.

O papel dos vínculos afetivos na construção do indivíduo e nas relações escolares

Henri Wallon cita a afetividade como fundamental para o desenvolvimento humano, e dentro da sua teoria epistemológica traz esta como eixo estruturante da inteligência. Por outro lado, não há vínculos sem afetividade e ao falar de vínculos nos reportamos aos postulados de Pichón-Rivière¹⁸, que trata a necessidade do ser humano em constituir vínculos durante toda a vida, afirmando inclusive que o sujeito é vinculado desde o seu nascimento a sua mãe através do cordão umbilical, fazendo por entender o quanto somos seres de necessidades. Essas necessidades, para o autor, só são realizadas e satisfeitas nas relações que o indivíduo se encontra e se forma, sendo os vínculos constituídos nas relações parentais e sociais¹⁹.

Também é sabido por uma série de estudos que a afetividade tem influência nos processos de aprendizagem^{20,21}. Crianças que se sentem mais motivadas e mais confiantes diante do empenho da sua família, pode ter seu processo de desenvolvimento acelerado²². Logo, os vínculos afetivos influenciam o aprendizado de maneira direta, por isso a importância da presença e disponibilidade que os pais/família ofertam em todo o processo de educação das crianças, feito que refletirá positivamente no aprendizado que terão no ambiente formal escolar.

Wallon²³, ainda postula que as relações afetivas são construídas ao longo do processo do seu desenvolvimento e proporcionarão ao indivíduo significância as suas próprias experiências e necessidades, tendo assim um papel crucial na formação da inteligência do sujeito. A luz dos seus

postulados pode se contemplar a importância da não dicotomia afeto/cognição. Pois para o referido autor, a dimensão afetiva do desenvolvimento apresenta um papel crucial na construção da inteligência.

Em suma, os vínculos são fundantes no processo de humanização e embora se iniciam com os cuidadores principais, não se encerram nesse sistema familiar. Assim, o processo de aprendizagem perpassa os muros das casas e o abrigo da família, mas não se encerra aí. É preciso, ir mais além: assegurar a importância dos vínculos para o processo de aprendizagem formal também é urgente, partindo do pressuposto de que a escola deve alargar horizontes e logo, o desenvolvimento em suas múltiplas facetas. Portanto o diálogo entre a escola e a família faz-se necessário nesse processo.

Aprendizagem e interação família-escola na formação da criança

Para Dessen²⁴, a família e a escola se configuram como duas instituições que partilham funções tanto sociais, como educativas e também políticas no desenvolvimento e na formação dos indivíduos. Ressaltando que ambas, ao seu modo, colocam-se como fomentadoras do conhecimento, além de ser de extrema importância para formação do indivíduo. Nesse sentido, tanto a família como a escola diferenciam-se de acordo com as suas funções e expectativas para o seu espaço.

Para Galvão²⁵, o desenvolvimento infantil aparece como um processo conflituoso, onde as ações dos adultos e a cultura a qual a criança está inserida vem como influência para sua relação com o aprender. Depois da família, a escola é o segundo grande contexto educativo, onde a criança deverá encontrar estímulos para o seu desenvolvimento. No ambiente escolar, a criança deverá deparar-se com suportes para as suas necessidades de maneira planejada, de acordo com a sua idade e com suas demandas específicas. Além de ser o espaço onde a criança começará a socializar de maneira intensa, sendo um momento sensível para saltos qualitativos na aprendizagem²⁶.

É válido ressaltar a importância do processo de escolarização para a aprendizagem. Ramos²⁷, discute a educação como algo garantido pelo

Estado, ainda que “o ato de aprender”, seja algo próprio do ser humano, presente desde a sua vinda ao mundo. Portanto é relevante os primeiros contatos com a aprendizagem escolar, entendendo que tal experiência vai além do êxito da aprendizagem formal. Nesse sentido, a escola deverá ser um espaço para a criança ter contato com informações diversas e com a sua cultura por meio de convívios sociais.

Segundo Oliveira²⁸ a relação dos pais para com a escola, ainda que esta seja em sentido de colaborar com o desenvolvimento escolar dos seus filhos, vem evidenciando-se de forma pontual e limitada. O autor ressalta que o diálogo vem acontecendo de forma fragmentada e superficial. A escola também comprova a visão de que essa relação não está acontecendo, além de demonstrar receio de como inserir os pais de uma forma mais ativa. Já a família tendência a acreditar que a responsabilidade pela educação formal é da escola e não sua, ou compartilhada entre ambas.

Braga²⁹ acredita que o aprendizado possui ligação direta com as relações familiares apontando que o aumento do fracasso escolar e dificuldades de aprendizagem, está vinculado a todo um coletivo e não a questões individuais. As dificuldades de aprendizagem, no entanto, vêm sendo confundidas com transtornos orgânicos, quando comumente o que as crianças precisam é de um olhar atento para as suas necessidades de ordens afetivas e psicossociais, tanto para que essas desordens sejam evitadas quanto para que se sintam acolhidas diante delas.

Portanto, podemos ver que apesar da relevância do diálogo entre família- escola para constituição não só do aprendizado da criança, mas da formação desta como um todo, o mesmo ainda está ocorrendo de maneira escassa. As duas instituições família e escola estão apresentando erroneamente divisões de papéis, tornando o desenvolvimento fragmentado e culpabilizando a criança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no exposto anteriormente, compreende-se aqui a importância dos vínculos e interação

familiar para a aprendizagem da criança. Também evidencia-se que não podemos deixar de lado a importância do diálogo entre família e escola, o que muitas vezes é tratado na atualidade como contextos sem interação.

Muitos estudos abordam a família como uma instituição complexa e diversa, colocando-se como base emocional das crianças, possuindo relação direta com o processo de desenvolvimento psicossociais^{16,20,30}, além de promotora e incentivadora de aprendizagens educacionais. Portanto, o seu papel é mais do que simplesmente suprir as necessidades básicas e de sobrevivência, tal como outrora se acreditava.

Klump⁹, defende que diante de um ambiente salutar a criança passará a se desenvolver de modo que, a partir dos hábitos familiares, terá oportunidade para vivenciar inúmeras experiências, sendo também importante que a família ofereça-lhe este lugar de explorar e construir sua autonomia em um espaço harmonioso.

Entendendo a importância da interação e do vínculo afetivo familiar para crianças em processo de aprendizagem escolar, vimos que a participação de uma família acolhedora é essencial. Sem embargo, ainda podemos apreciar poucas pesquisas que abordam a temática da família na atualidade associando ao desenvolvimento da aprendizagem escolar, sobretudo estudos que correlacione vínculos afetivos e êxito na aprendizagem.

Na atual sociedade, vemos crianças com excesso de atividades escolares e família participando de modo pontual da educação escolar dos filhos. Oliveira²⁸ discute essa questão trazendo diferentes visões desses contextos: A autora afirma que, a visão da escola é que não está ocorrendo uma comunicação entre família-escola; já a visão dos pais é de que o papel deles é de complementar a educação recebida pela escola. Por outro lado, a visão das próprias crianças acerca disso tudo é de que se sentem cobradas de maneira exacerbada quanto ao rendimento escolar.

Cabe aqui salientar que no meio dessa relação família-escola mal estabelecida, quem acaba ficando sem um lugar, de fato estabelecido, é a própria criança, que por vezes, pode vir a expressar

alterações no comportamento devido as cobranças e fragilidades sentidas acerca do impacto desses conflitos. Sendo assim, vale ressaltar a importância do posicionamento de sair do lugar da queixa, tanto escolar como familiar, e instaurar, mais uma vez, o lugar do valor entre o diálogo família-escola. Desse modo, pode-se evitar a criança culpabilizada e colocada como única responsável pelo seu fracasso escolar.

Já a sociedade deverá rever o seu papel de rotuladora, e apontadora de fracassos individuais, quando, em um número significativo de vezes, as dificuldades apresentadas pelas crianças são reflexos dos impactos das relações más estabelecidas entre elas próprias. Logo, o fracasso não é de ordem individual, e sim coletiva. Diante disso, vemos o excesso de medicalização e diversos outros impactos negativos no desenvolvimento, onde medicalizar tornou-se a regra, uma via aparentemente “fácil”, ainda que, na maioria das vezes, de forma inadequada e/ou desnecessária³¹.

Nessa discussão cabe reavivar o pensamento de Vygotsky³², quando defende que a cultura não interfere de modo isolado e definitivo para com a criança. Sendo assim, a relação de interação da mesma para com a cultura não ocorre de modo individual nem passivo. Por tanto, é preciso ouvir as crianças constantemente, valorizando o contexto no qual estão inseridas, fazendo valer de maneira respeitosa a cultura da infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho foi realizada uma revisão sistemática de literatura sobre os temas: vínculos e interação familiar, desenvolvimento infantil, aprendizagem e escola. Diante dos dados encontrados nos estudos publicados – baseados, por sua vez, nos critérios de seleção evidenciados na metodologia desta pesquisa- constatou-se a importância dos vínculos e interação familiar na formação das crianças, ressaltando esses laços como constituintes dos processos de aprendizagem e da própria essência humana.

Nas relações familiares assentam-se os primeiros vínculos afetivos, essenciais à sobrevivência. Por outro lado, não podemos mais imaginar um mundo sem escola, ainda que esta, como instituição organizadora e potencializadora de conhecimentos diversos, precisa ser reinventada, levando em conta, dentre tantos fatores, a cultura dos indivíduos, os vínculos afetivos e o crescimento biopsicossocial dos sujeitos na coletividade.

Dessa forma, apreciou-se aqui a relevância do diálogo entre família e escola, e o quão esta relação é benéfica para ambos contextos de desenvolvimento. Conclui-se, entretanto, que esse diálogo, além de escasso, ainda caminha repleto de conflitos estabelecidos no lugar da queixa, o que dificulta o planejamento de ações eficazes.

Considera-se que, embora com funções diferentes, deve haver pontos de interseção entre os contextos educativos família e escola, onde o estabelecimento de vínculos deve estar imbricado nesse diálogo, possibilitando a formação de crianças seguras, saudáveis e menos estigmatizada diante de um fracasso. Sendo assim, quiçá se evitará o papel de culpabilidade que muitas instituições tentam impor às crianças, além de evidenciar o combate a uma infância hipermedicalizada, sem afeto e sem voz.

REFERÊNCIAS

1. Mahoney AA, Almeida LR. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação*. 2005;20:11-30
2. Bee H. *A Criança em desenvolvimento*. 9ª ed. São Paulo: Artmed; 1998
3. Vygotsky LS. *A Formação Social da Mente*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes; 2000
4. Narvaz MG, Koller SH. Famílias e Patriarcado: da Prescrição Normativa à Subversão Criativa. *Psicologia & Sociedade*. 2006;18(1):49-55. doi: 10.1590/S0102-71822006000100007
5. Salvador CC, Mestres MM, Goñi JO, Gallart IS. *Psicologia da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 2005
6. Oliveira NHD. *Recomeçar: família, filhos e desafios*. 1 ed. São Paulo: UNESP. 2009
7. Fevorini LB, Lomônaco JFB. O envolvimento da família na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório com pais das camadas médias. *Psicologia da Educação*. 2009;28:73-89
8. Gil AC. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas; 2010
9. Klumpp CFB. *Mães de Crianças com Dificuldades de Aprendizagem. Uma análise compreensiva do processo de intervenção [Dissertação]*. Osasco. Centro Universitário Fieo; 2012
10. Brasil. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONANDA. *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. 2005
11. Valle TGM., org. *Aprendizagem e desenvolvimento humano: avaliações e intervenções [online]*. São Paulo: Cultura Acadêmica; 2009
12. Martins E, Szymanski H. A Abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 2004;4(1):63-77
13. Papalia DE, Olds SW, Feldman RD. *Desenvolvimento humano*. 10 ed. São Paulo. 2009
14. Kassouf AL. O que conhecemos sobre o trabalho infantil? *Nova econ*. 2007;17:2. doi: 10.1590/S0103-63512007000200005
15. Szymanski H. *A relação escola/família: desafios e perspectivas*. 2ª ed. Brasília: Liber Editora; 2010
16. Andrade SA, Santos DN, Bastos AC, Pedromônico MRM, Almeida-Filho N, Barreto ML. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. *Rev. Saúde Pública*. 2005;39(4):606-11
17. Wallon H. *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. 1 ed. Petrópolis: Vozes; 2008
18. Pichon-Rivière E. *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes; 1998
19. Pichon-Riveire E. *O processo grupal*. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2009

20. Antunes CA. A afetividade na escola educando com firmeza. 1 ed. São Paulo: Maxiprint; 2006
21. Ribeiro ML. A relação afetiva impacta na aprendizagem escolar. *Estud. psicol.* 2010;27(3):403-12. doi: 10.1590/S0103-166X2010000300012
22. Andrade AS. A influência da afetividade na aprendizagem [monografia]. Brasília: Unievangélica Centro Universitário; 2007
23. Wallon H. Origens do pensamento na criança. São Paulo: Manole; 1979
24. Dessen MA, Polônia AC. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia.* 2007;17(36):21-32. doi: 10.1590/S0103-863X2007000100003
25. Galvão I. Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 1 ed. Petrópolis: Vozes; 1999
26. Polônia AC, Dessen MA. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Relações Família-Escola. Psicologia Escolar e Educacional.* 2005;9(2):303-12. doi: 10.1590/S1413-85572005000200012
27. Ramos LOL. Currículo, aprendizagem e ludicidade: assegurando os direitos das crianças pequenas. *O Currículo no Ciclo de Alfabetização.* 2013
28. Oliveira CBE, Marinho-Araújo CM. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estud. psicol.* 2010;27(1):99-108. doi: 10.1590/S0103-166X2010000100012
29. Braga SS, Scoz BJJ, Munhoz MLP. Problemas de Aprendizagem e suas Relações com a Família. *Rev. Psicopedagogia.* 2007;24(74):149-59
30. Casarin NEF, Ramos MBJ. Família e a Aprendizagem escolar. *Rev. Psicopedagogia.* 2007;24(74):182-201
31. Viegas LS. Medicalização da educação e da sociedade. 1 ed. Salvador: EDUFBA; 2014
32. Vygotsky LS. Estudos sobre a História do Comportamento. 1 ed. Porto Alegre: Artmed; 1997